

A Abordagem Triangular manifesta nas Artes da Palavra

Regina Machado

ORCID: 0000-0003-0688-8015

RESUMO

A partir de uma concepção que considera as Artes Narrativas como parte de um conjunto das manifestações artísticas que podem ser aprendidas e ensinadas nas escolas e em outros espaços culturais para todas as faixas etárias. E a partir de uma certa visão da Abordagem Triangular para o Ensino e Aprendizagem da Arte formulada no Brasil por Ana Mae Barbosa, o objetivo desse texto é apresentar o Encontro Internacional Boca do Céu de Contadores de Histórias como expressão dessa concepção e dessa abordagem. A intenção é a de refletir sobre fundamentos arte educativos que possam ampliar horizontes e perspectivas críticas, sublinhando o reconhecimento da presença insubstituível da Arte nos alicerces das culturas verdadeiramente humanas.

Palavras-chave: Artes Narrativas; Abordagem Triangular; Aprendizagem Artística.

RESUMEN

Partiendo de una concepción que considera las Artes Narrativas como parte de un conjunto de manifestaciones artísticas que pueden ser aprendidas y enseñadas en las escuelas y otros espacios culturales para todas las edades, y partiendo también de una cierta visión del Abordaje Triangular para la Enseñanza y Aprendizaje del Arte formulada en Brasil por Ana Mae Barbosa, el objetivo de ese texto es presentar al Encuentro Internacional Boca do Céu de Narradores de Histórias como expresión de esa concepción y abordaje. La intención es reflejar acerca de fundamentos arte educativos que puedan ampliar horizontes y perspectivas críticas, subrayando el reconocimiento de la insustituible presencia del Arte en la base de las culturas verdaderamente humanas.

Palabras clave: Artes Narrativas; Propuesta Triangular; Aprendizaje Artística

ABSTRACT

From a conception which considers the Narrative Arts as part of a group of artistic manifestations that may be learned and taught in schools and other cultural spaces to people of all ages, as well as from a certain understanding of the Triangular Approach regarding the Teaching and Learning of Art, developed in Brazil by Ana Mae Barbosa, the aim of this text is to present the International Storytellers Meeting Boca do Céu as an expression of this conception and approach. The intention is to reflect about art-education principles that may widen horizons and critical perspectives, emphasizing the recognition of the irreplaceable presence of Art in the basis of all truly human cultures.

Keywords: Narrative Arts; Triangular Approach; Artistic Learning.



Imagem 1. Encontro Internacional Boca do Céu- 2016

As gavetas escolares: onde cabem as Artes narrativas?

Ao menos enquanto prática corrente, o espaço reservado à literatura oral- quando existe- e à literatura escrita nas escolas brasileiras, raramente é conjugado junto às ações chamadas de arte educativas, que são voltadas sobretudo para as linguagens visuais, musicais, teatrais e as das artes do movimento corporal, incluindo neste momento as artes midiáticas também.

Além disso, certos professores procuram trabalhar com a Abordagem Triangular propondo uma relação entre arte da palavra e arte visual dentro de uma perspectiva reducionista, que não contempla nenhuma das duas formas artísticas: muitas vezes o fato visual é reduzido à descrição de figuras e as crianças são levadas a narrar o que veem. Perdem- se assim nesse tipo de leitura as qualidades visuais específicas da obra de arte em questão. Narrando o que vê a criança pode aprender muitas coisas, mas não necessariamente estará estabelecendo um contato com a natureza do objeto artístico. E ao mesmo tempo está sendo negligenciado o fato de que, enquanto forma, função e produção cultural, estética e artística, a Arte Narrativa tem igualmente suas especificidades. Atrelar a narração apenas à leitura de outras formas artísticas ignora tais especificidades.

Pergunto- me se é possível escaparmos de tendências reducionistas como estas e muitas outras. Acredito que é preciso encontrar espaços formativos em que haja conversas, ressonâncias e repercussões trans linguísticas, traduções e transcrições intersemióticas baseadas na compreensão das diversas dimensões, características e planos significativos de cada forma artística particular. Como transformar o momento de leitura estética numa situação de fluência vital em que professor e alunos compartilhem a maravilha, o jogo, a descoberta de valores

“A estrela do contador de histórias não é por acaso a lua, a senhora do caminho, a errante, que se move continuamente de estação em estação e transforma-se a si mesma após cada uma delas? Pois o contador de histórias também percorre muitas estações, vagueando e relatando. Mas dorme apenas em tendas, aguardando novas direções. E logo sente o coração bater-lhe forte, em parte de medo e angústia, em parte de desejo, num e noutro caso porém como um sinal de que deve pegar a estrada, para novas aventuras que serão penosamente vividas por inteiro, até os últimos pormenores, de acordo com a vontade, do irrequieto espírito.”

Thomas Mann

humanos fundamentais tais como se manifestam em elementos e composições das diferentes artes? Ou seja, como fazer a obra de arte tornar-se presente, de modo que ela construa um universo ressonante de significações para adultos e crianças em contato com ela? Como propiciar à criança uma experiência de encontro simbólico com o universo da Arte e não apenas um encadeamento de dados informativos sobre um artista, uma época ou elementos formais de determinadas obras?

Para isso penso ser importante recorrer à Abordagem Triangular, mais especificamente a uma certa leitura que pretendo fazer dessa Abordagem, no sentido de evidenciar o quanto as pistas ali oferecidas podem nos guiar como luzeiros na direção de uma prática de arte pedagógica ancorada em uma “conversa” entre a pessoa diante de uma obra e o fato artístico que conjuntamente estruturam os eixos expressos nos vértices da Abordagem Triangular interconectados com outros múltiplos triângulos. E mais tarde veremos o quanto o Encontro Boca do Céu ganha vida a cada edição inspirado na diversidade, na flexibilidade e na liberdade criadora que essa Abordagem nos propõe.

A Abordagem Triangular desengaveta os saberes institucionalizados

Passados mais de 30 anos do primeiro enunciado da Abordagem Triangular continuamos testemunhando e possivelmente ajudando a expandir uma reflexão e uma ação pedagógica como fruto de um marco epistemológico fundamental na história da Arte Educação brasileira. Delimitando os contornos do conhecimento artístico e estético enquanto tais, essa Abordagem estrutura um campo de ações que podem conduzir processos de aprendizagem significativa, específicos dessa modalidade de conhecimento humano. Assim podem tanto enraizar a

significação do fazer artístico na vida das crianças, como também orientar o professor de arte na descoberta do sentido e da função do seu próprio trabalho.

A Abordagem Triangular não é uma metodologia, como as vezes é chamada. Os três eixos de aprendizagem artística que a compõem delimitam claramente conjuntos possíveis de movimentos complementares e interconectados. Movimentos que podem se manifestar concretamente em redes intermináveis de relações e ações. Não é possível compartimentar conhecimentos em gavetas estanques. Há um contínuo mover de relações em diversas direções, dado na própria estrutura triangular, que convida o tempo todo a novas perguntas, novos encaixes, novas rupturas, novas conexões.

Trata-se então de um ponto de partida, e principalmente, como já escrevi certa vez, (*ver referência 3 no final do texto*) de uma espécie de bússola e não uma bula, o que faz toda a diferença. Uma bússola é extremamente útil nas mãos de alguém que sabe que está a caminho, que se sabe um viajante e que se dispõe a enfrentar obstáculos e descobertas a cada instante, porque uma determinada intenção anima cada passo e cada parada. Nas mãos de alguém que não está preparado para viajar uma bússola é inútil.

Um educador artista pode se beneficiar, e muito da Abordagem Triangular se conseguir se perceber em aprendizagem contínua. Se está disposto a perguntar a si mesmo, em primeiro lugar, qual a intenção que anima seu trabalho. Se está disposto a exercitar-se continuamente produzindo, lendo formas artísticas e refletindo sobre os diversos contextos da arte. É antes de mais nada essa aprendizagem complementar que pode capacitá-lo a usar a bússola da Abordagem Triangular. Percorrendo ele mesmo os campos da produção, da leitura e das contextualizações, é essa experiência viva -feita do exercício da curiosidade, da percepção, da flexibilidade, da imaginação e da reflexão que animam a aprendizagem da arte, - a responsável pela elaboração de seus planejamentos.

A compreensão e utilização da Abordagem Triangular tem como requisito um educador artista em constante transformações, em movimento. Muitos equívocos têm ocorrido na digestão apressada dessa Abordagem, por falta de um aprofundamento corajoso na direção das perguntas que ela suscita. Por exemplo: quando se diz que a Abordagem Triangular delinea conjuntos de ações em cada um dos seus eixos, uma visão apressada pode nos levar a confundir “ações” enquanto estratégias e “ações” enquanto exercícios de habilidades desencadeadoras

de variadas estratégias. Exemplifico: no caso do eixo das contextualizações um educador pode propor pesquisas do tipo Enciclopédia Barsa- fatos, datas, dados da vida do artista e outras informações contextuais.

Por si mesma, enquanto ação estratégica, esta proposta pode não ter nenhum significado para o aluno. Pode não passar de uma lista de dados, não necessariamente conectados entre si. Penso que o importante é a ideia/pista que a Abordagem anuncia de que uma pessoa pode aprender sobre Arte relacionando os dados que podem estar nas três aprendizagens de cada vértice do triângulo. O ponto no centro do triângulo é onde está o sujeito que aprende, significando sua experiência de aprender, o modo como os alunos podem aprender a significar estas ações, ou seja, como pensam informações entre si, como percebem relações em diferentes contextos, como imaginam situações a partir dos dados pesquisados, como fazem perguntas a esses dados. Portanto, por dentro das ações podem estar intenções, no exercício da inteligência qualitativa nomeada por Dewey, no sentido da articulação pessoal entre dados. E esse exercício convoca a imaginação, a percepção, a intuição e a habilidade reflexiva dos alunos no contato com a Arte, antes de focalizar ações escolares.

O eixo da CONTEXTUALIZAÇÃO, que eu chamo de Contextualizações, abarca movimentos que focalizam, por meio da reflexão, os diferentes contextos da arte: a História, a Cultura, a vida de um artista, estilos e movimentos artísticos, a serem conectados na experiência de cada aluno.

Trata-se da aprendizagem de formulações sobre o fenômeno artístico em diferentes planos de realidade e de acordo com diferentes níveis de compreensão. Esse eixo contém assim uma ampla gama de discursos, fruto da pesquisa teórica, da leitura de formas e da pesquisa durante o processo do fazer artístico.

O eixo da PRODUÇÃO envolve movimentos de configuração (toda vez que alguém produz uma forma), ou seja: refere-se à realização de uma escultura, dança, música, filme, ou outras formas de produção artística, refere-se à produção de pensamentos sobre arte, por exemplo, quando alguém escreve um texto dando forma a ideias, refere-se à experiências de leitura, quando alguém, diante de uma obra de arte, configura para si mesmo um encontro e “entende poeticamente”, quer dizer, realiza para si mesmo uma forma significativa de encontro com aquela obra.

Entendo assim, que o eixo da PRODUÇÃO nomeia não apenas movimentos que caracterizam a aprendizagem do fazer artístico em contato com os materiais e com os princípios

de formatividade das diferentes linguagens artísticas. Ou seja, essas ações se referem à capacidade de produzir obras artísticas, mas também à capacidade de produzir leituras e relações conceituais, tão importantes para a experiência da Arte, e que também integram a concretização de formas artísticas.

O eixo da LEITURA refere-se aos encontros (que costumo chamar de conversas) com obras de arte e outras tantas construções simbólicas das culturas envolvendo por exemplo, desde espaços urbanos, meios de comunicação até objetos utilitários. Esse eixo nomeia, então, a aprendizagem da experiência estética, que envolve também nosso contato com formas da natureza.

Ler tem aqui o sentido de reconhecer e compreender poeticamente códigos e principalmente o sentido de dar combustível ao universo de imagens internas significativas responsáveis pelo vigor conceptivo do ser humano. Esse eixo trata dos movimentos que envolvem o exercício da percepção estética.

O exercício da percepção, antes de mais nada, está presente também no processo de produção de formas artísticas, assim como na reflexão sobre arte, visto que sua característica fundamental tem a vivacidade do instante, da observação de qualidades, da curiosidade, do movimento, que são diversos aspectos daquilo que J. Dewey denomina de qualidade estética da experiência verdadeiramente humana.

O Encontro **Boca do Céu** de Contadores de Histórias nasce em consonância com a **Abordagem Triangular**.

O Encontro Internacional Boca do Céu de contadores de histórias-narrativas e narradores, configurado como uma situação de ensino e aprendizagem das Artes Narrativas, visa promover um espaço de reflexão, criação e ação cultural sobre as Artes da Palavra que se movem continuamente através da História e das diversas culturas humanas, na forma de oralidades e oralituras. Destina-se a contadores de histórias, educadores, terapeutas, artistas, estudantes, crianças e público em geral, utilizando-se da arte da narração para criar um campo especial de comunicação entre pessoas de diferentes faixas etárias e segmentos sociais. A função principal desse Encontro é propiciar diferentes situações de contato com a arte da narração que possam inspirar ações educativas, culturais, sociais e estéticas, ressaltando a relevância das narrativas tradicionais e contemporâneas para o mundo de hoje.

Desde seu início o projeto conceptivo do Boca do Céu inspirou-se na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. A cada edição o texto de apresentação do Encontro evidencia os três eixos de atividades/ movimentos que se combinam em cada eixo do triângulo, enunciando também uma metáfora correspondente que os nomeia e diferencia.

“Isso significa, antes de mais nada, que a Arte Narrativa é aqui considerada como fenômeno das culturas humanas que ocupa um lugar ao lado das Artes Visuais, Teatro, Música, Dança e artes midiáticas e multilinguísticas contemporâneas. Como tal, a Arte de Contar Histórias pode ser incluída dentro de um processo de formação artística e estética, de modo equivalente às outras artes. No



Imagem 2. Encontro Internacional Boca do Céu- 2016

Encontro Boca do Céu existem, portanto, três tipos de atividades ligadas aos eixos de aprendizagem da Arte Narrativa: 1– Narração de contos para adultos e crianças, que são atividades que convidam à aprendizagem da ESCUTA/LEITURA e APRECIÇÃO de contos; 2 – Oficinas. Atividades de produção. Ações que convidam à concretização de processos narrativos, na aprendizagem do fazer; 3 – Palestras, debates e relatos de experiência e pesquisas de narração. Atividades que promovem a reflexão e compreensão dos fundamentos e contextos da Arte Narrativa.”¹

Em 2001 as metáforas utilizadas para nomear os três conjuntos de atividades foram as seguintes.

1- O GOSTO DOS PÃES



Imagem 3. Encontro Internacional Boca do Céu- 2018



Imagem 4. Encontro Internacional Boca do Céu- 2022



Imagem 5. Encontro Internacional Boca do Céu- 2022



Imagem 6. Encontro Internacional Boca do Céu- 2016

Espectáculos para escolas, espetáculos para adultos, narração de contos por convidados de outros países e brasileiros vindos de vários estados, narração de contos para crianças e público em geral, rodas de contadores de histórias, salas temáticas com inscrição prévia aberta a profissionais e não profissionais, narração espontânea sem inscrição prévia em espaços determinados e pesquisas de narração. Temos então desde situações aleatórias até espetáculos de narração, estruturadas como formas artísticas elaboradas. Na situação mais informal há pequenos espaços delimitados com duas cadeiras onde a qualquer momento alguém pode se sentar e contar uma história para a pessoa à sua frente. Podem ser 2 pessoas conhecidas ou desconhecidas, a história contada pode ser inventada na hora, pode ter acabado de acontecer, pode ser um conto que a pessoa escolheu no seu repertório para relatar naquele momento. A ideia de criar esse espaço informal foi planejada a partir do conhecimento

¹ Trechos do texto de apresentação do Encontro de 2010, com realização na Oficina Cultural Oswald de Andrade da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo).

de um dos vértices do triângulo-leitura/escuta, - relacionada a outras situações dentro do mesmo eixo: há narrações temáticas, há narrações de contadores profissionais para crianças, famílias ou escolas. Há rodas de narração de contos que trazem uma ampla variedade de escolhas artísticas e estéticas. São variadas situações de narração de contos em que é possível escutar uma ampla diversidade de narradores vindos de espaços culturais distintos que trazem seus recursos, repertórios e estilos, apresentando criações individuais e grupais de narradores do mundo contemporâneo. Tal variedade é propícia para a apreciação do público em geral e também oferece oportunidade de aprendizagem sobre arte narrativa para educadores e contadores de histórias.

2- COM A MÃO NA MASSA



Imagem 7. Encontro Internacional Boca do Céu- 2022



Imagem 8. Encontro Internacional Boca do Céu- 2018

As oficinas são destinadas a educadores, contadores de histórias, bibliotecários e demais interessados em utilizar contos na sua atividade profissional. Todas as oficinas são selecionadas com a intenção de propiciar subsídios para o trabalho em escolas, bibliotecas, hospitais, centros culturais, ONGs e outros espaços em que se possa atuar narrando histórias. Tratam de recursos internos e externos de contadores de histórias, diferentes aspectos da arte de narrar e funções culturais das histórias. São oficinas prático-teóricas que, a partir da perspectiva de cada uma delas, oferecem exercícios ligados à atividade corporal, musical, vocal, à pesquisa de repertório, da bibliografia, das culturas populares, bem como fundamentos teóricos das práticas apresentadas.

3- SEPARANDO O JOIO DO TRIGO



Imagem 9. Encontro Internacional Boca do Céu- 2022

O eixo das contextualizações organiza atividades em torno da pergunta: De quantas maneiras se pode refletir sobre a arte de contar histórias? Este eixo é feito de palestras, debates, pesquisas de narração, relatos de experiência de contadores de histórias e relatos de trabalho com contos em diferentes contextos.



Imagem 10. Encontro Internacional Boca do Céu- 2022

Neste ano de 2022 realizamos o Boca do Céu - Lusofonias, focalizando "as sabaenças d'além-mar - influências lusófonas na constituição de uma alma brasileira". O propósito desta edição, que aconteceu na semana de 30 de maio a 4 de junho de 2022, está explícito em seu texto de apresentação:

Debaixo do barro do chão

" O tema geral do Boca do Céu 2022 enfoca certas sabaenças d'além mar-influências portuguesas na constituição da alma brasileira-, situando o contexto geral da nossa intenção e ações. Isso tratando-se da superfície da tela. Mas, como nas pinturas renascentistas, por baixo do que se vê como rostos, veludos, paisagens e madonas, está oculto o esquema compositivo da obra, traçado rigorosamente de acordo com o princípio da perspectiva linear. Assim imaginamos o desenho conceptivo da aventura de buscar um lugar fecundo para um mundo lusófono/árvore frutífera dentro da vastíssima paisagem de nossa alma brasileira. As palavras "fecundo" e "frutífera" testemunham o reconhecimento de um lugar "dentro da terra" de onde brota a árvore em que nasce a fruta cujo nome apenas o jabuti conseguiu cantar e guardar na memória . Será que existe uma fruta que define o gosto da alma brasileira? Será que ela teria apenas um nome como no conto popular? Onde se encontraria, por dentro da pluralidade de personas que habitamos e nos habitam, um tipo de singularidade caroço de tucumã do ser humano brasileiro? Talvez o que importe mesmo seja buscar nomear uma experiência de Brasil que junte as memórias das fontes com os sonhos de porvir. Fontes que para começo de conversa são superficialmente três. Que

por sua vez carregam outras tantas fontes matriciais, ramificadas em variadíssimas direções, gente, isso vai dar lá no começo do mundo, na terra do sempre: debaixo do barro do chão, fecundamente, em silêncio profundo. Dos três olhos d'água que, digamos, só para continuar a conversa, se juntam inicialmente moldando nosso ethos brasileiro - as culturas ibéricas, as culturas africanas e as culturas indígenas autóctones igualmente milenares - vamos nessa edição do Boca do Céu cavoucar nossas heranças portuguesas, como já foi dito.

*Queremos interrogar traços lusitanos que nos constituem em lugares inesperados, para além das contingências recortadas por algumas descarnadas sistematizações acadêmicas ou de qualquer outro tipo. Que por não estarem em compasso com a vida vivida, podem nos oferecer dados, números, informações possivelmente úteis e interpretações que se assemelham às irmãs da Cinderela tentando fazer caber seus pés enormes no sapatinho de cristal perdido.... Onde então buscamos esses traços? Convidamos para nosso Encontro estudiosos que nos abrem horizontes e nos oferecem parâmetros e contextos em grande medida esclarecedores para aprendermos a pensar melhor. Estudiosos que imprimem pulsação poética a seus pensamentos e têm no pensar o guia orientador dessa mesma pulsação. São Sebastião/ A Imperatriz Porcina/ Cantigas de Amigo/ A Era do Espírito Santo/ Leandro Gomes de Barros/ A Rainha Isabel/ O filósofo poeta/A Donzela Teodora...são nomes e palavras que povoam as reflexões de nossos convidados com seus mais variados **pontos de vista**. Buscamos também esses traços em manifestações da palavra narrada, cantada , recitada, brincada , pelejada, dançada, dramatizada e louvada por pessoas dos povos que habitaram e habitam insuspeitados rincões do Brasil deixando- se tingir pela terra vermelha, preta ou amarela que nos molda em límpidas misturas.*

Dentro desse sonoro balaio procurem na programação a presença de Agostinho

da Silva, das Caixeiras do Divino Espírito Santo da Casa Fanti Ashanti do Maranhão, das cantigas e brincadeiras brasileiras e portuguesas, dos Lunários Perpétuos e dos Profetas da Chuva, dos cordéis, contos e romances das nossas culturas populares. E, é claro, venham escutar as vozes dos narradores e narradoras em seus inúmeros matizes da língua portuguesa, com seus contos de aqui, de acolá, de além do lá. E também as vozes e instrumentos de músicos que costumam aquietar passarinhos a escutá-los. São alguns vislumbres do que vocês poderão encontrar ao percorrer a programação deste ano.

Quem sabe essas palavras verdadeiramente encantadas que atravessam eras em palácios subterrâneos, como convém ser, possam surgir hoje na superfície da História e nos contar outras histórias que revelam um Brasil que a gente sonha aprender. Na navegação do agora queremos recolher pistas de canoas ancestrais ameríndias em tempos virgens de brancos e também sulcos de remos a acompanhar orações secretas dentro de grilhões, durante as infames travessias marítimas.

Da bússola apenas a agulha a tremeluzir em direção ao alto do céu: na retidão vertical da busca de um outro ser humano a ser concebido e frutificado na fecundidade simbólica da "criança sábia" e peralta presente na memória de

*tantas culturas do mundo. Recordando a "criança eterna", fundamento perene do nosso destino, a viver encoberta dentro de cada ser humano, per omnia secula seculorum, queremos augurar uma nova beleza possível de se manifestar nas crianças que ao nascerem, como diz Lydia Hortélio, "trazem as últimas novidades do céu". Ao escutar as palavras bem ditas dos versos, contos, cantos, danças e brinquedos tradicionais em consonância com a coroação do menino imperador e da menina imperatriz do mundo, na nossa lembrança presente da Festa do Divino, quem sabe podemos contribuir com a imaginação de um mundo melhor."*²



Imagem 11. Encontro Internacional Boca do Céu- 2018

O Boca do Céu estabelece como ponto de partida um território de contato com certa substância que, entendida como Arte, pode desencadear processos de ensino e aprendizagem. Como qualquer Forma artística, a Arte Narrativa tem uma História, funções culturais, trajetos de artistas contadores em diferentes espaços e momentos, estilos, técnicas e características formais. Essa substância de conhecimento, que atravessa desde tempos imemoriais os grupos humanos, tem, como toda Arte, um importante papel na aprendizagem das pessoas de todas as idades. A principal pergunta que inspira o Boca do Céu sempre foi: o que se pode aprender em contato com as Artes da Palavra? A ideia de que se aprende fazendo, escutando e refletindo sobre os diversos contextos da Arte de Contar histórias é inspirada, como dissemos, na Abordagem Triangular que organiza os 3 campos de atividades do Encontro. Dentro de cada eixo da aprendizagem infinitas atividades podem ser planejadas. Atividades que variam a cada edição sempre relacionadas entre si. Pois a estrutura da Abordagem Triangular aglutina um conjunto de propostas interligadas segundo uma intenção e uma determinada concepção da arte de contar histórias, presente, por exemplo, na metáfora acima apresentada: embora de naturezas diferentes, os movimentos de pesquisar, preparar e comer o pão fazem parte de um mesmo processo, assim como pensar, fazer e fruir Arte.

Uma segunda pergunta tem orientado os percursos do Boca do Céu. Como dispor situações de aprendizagem não coercitivas, não redutoras, nem muito menos prescritivas para augurar os contatos de cada participante com as Artes da palavra oral e escrita?

² Texto do folder da programação do Boca do Céu 2022.

O entendimento da aprendizagem como processo gerou, entre outros elementos, os diferentes títulos da programação. Por exemplo, em vez de Palestras propusemos MOVIMENTOS na edição online e na última edição, PONTOS DE VISTA. Ambas as designações contêm a ideia de fluxo, de flexibilidade, de posições imaginárias variadas, de trilhas de conhecimento que não são fixas, muito menos únicas. Que envolvem tanto os temas como os percursos possíveis dos participantes.

As questões trazidas a cada ano manifestam uma estrutura de muitas triangulações propostas como janelas/ vislumbres que convidam os participantes a continuar seus próprios caminhos investigativos. Considerando os três eixos e o ponto central de um triângulo temos vários temas assim estruturados: - A arte narrativa, a arte de narrar e a escuta nos três vértices e no centro as perguntas de um contador de histórias sobre sua formação nesses três domínios de conhecimento; - As tradições afro brasileiras, as tradições ameríndias e as tradições ibéricas no Brasil. No ponto central estão as perguntas do contador de histórias sobre suas possíveis identidades como narrador brasileiro; - A diversidade das culturas populares brasileiras, as tradições orais no Brasil e a arte de narrar histórias. No ponto central as perguntas do contador de histórias sobre as sínteses que pode realizar a partir de sua experiência desses três vértices.

E assim por diante. É como se uma certa consciência da diversidade fundamental da cultura brasileira fosse se constituindo pelo constante vai e vem teórico e poético entre esses muitos triângulos.

“(...) cada participante cria seu próprio percurso e acaba se beneficiando bastante pelas surpresas dos instantes, não previstos, mas propiciados pela rede móvel e invisível de propósitos, como uma qualidade impalpável. É a experiência de percorrer – criticando, escutando em silêncio, observando as diferentes ações, encontrando pessoas, passando por desafios perceptivos, reflexivos e afetivos, num bombeamento constante de distintas pulsações que imprime a marca de cada pessoa no aproveitamento particular do que o Boca do Céu lhe oferece.

O Encontro não ensina, não explica, não dá receitas de como contar histórias, não fornece “apostilas” do que deve ser feito. Também não tem uma “linha” que deve ser seguida, nem uma “visão” ou “cartilha” política, “palavras de ordem”, “jargões” ou listas de conteúdos e procedimentos. Também não visa “resultados” a serem atingidos.

As coleções de relatos e histórias de sua experiência no Boca do Céu contadas pelos participantes atestam a fecundidade de concepção do Encontro. São de fato milhares de encontros, nunca sequer imaginados, mas rigorosamente assegurados pela disposição estrutural dos espaços, físicos e simbólicos. Não é como numa feira, que tem stands um ao lado do outro, desconectados, em que o visitante vai colecionando prospectos, folders e catálogos e pode até sair com dor de cabeça por causa do barulho infernal dos variados e desconexos sons do ambiente. No Boca do Céu, a qualidade invisível e impalpável que permeia os acontecimentos, manifesta até nos sons diversos dentro e fora das pessoas, advém do entendimento que temos da Abordagem Triangular que anima o Encontro e do desejo de conhecimento dos participantes que fazem tudo acontecer como um todo interligado e ao mesmo tempo se realizar de modo único na experiência vivida por cada um.

(...)É inegável, desse ponto de vista, o caráter fecundo de uma abordagem que orienta convidando à invenção, à pesquisa, à formulação de perguntas. E que principalmente estabelece uma orientação importante para a aprendizagem de artistas e artistas educadores. Não basta compreender que

é possível aprender arte por meio de 3 eixos de ações. É preciso aprender a investigar, primeiro dentro de si mesmo, um desejo e um propósito para percorrer os espaços desses três eixos. É preciso também aprender a investigar que ações e que recursos acessar para produzir, ler e contextualizar o fenômeno da Arte, perguntando sempre - não para se definir onde se quer chegar- como usufruir dos encontros surpreendentes e inexplicáveis propiciados pelo percurso. A Abordagem Triangular é um convite ao percurso pessoal e à busca do que cada artista educador poderá encontrar além das palavras de uma formulação.”³

John Dewey falou da qualidade estética da experiência verdadeiramente humana. Paulo Freire falou da boniteza de ensinar. Agostinho da Silva falou do filósofo poeta e de um Brasil potente a ser descoberto. Escritores e filósofos afro brasileiros, vozes e escritos de pensadores e narradores ameríndios vem sendo escutadas e lidas a revelar uma sabedoria ancestral insuspeitada, Noêmia Varela espalhou sementes contendo a importância do ensino e aprendizagem da Arte à frente do Movimento Escolinhas de Arte do Brasil. Sem alarde dona Noêmia passou para Ana Mae Barbosa um bastão de comando marcado por essas e muitas outras influências notáveis. A Abordagem Triangular expressa e também oculta miríades de trilhas de conhecimento de diversas ancestralidades. O Encontro Internacional Boca do Céu de Contadores de Histórias agradece e honra o trabalho de Ana Mae Barbosa e de toda essa imensa trilha de velas acesas desde sempre na escuridão do mundo.



Imagem 12. Encontro Internacional Boca do Céu- 2022

Referências

Todas as imagens são de autoria do fotógrafo Pedro Napolitano Prata

³ “Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da Abordagem Triangular”. In Ana Mae Barbosa e Fernanda Pereira da Cunha. Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010. Pág. 77.



09110

"O PIANISTA"

PABLO MARQUINHO

"O Pianista"
Pablo Marquinho